

DINHEIRO PÚBLICO

Associação ligada ao deputado Pinduca Ferreira (PP) vai receber R\$ 1,3 milhão da Prefeitura de Betim. Recursos são destinados à compra de equipamentos de informática para a entidade

De 'ambulância' a computador

ALANA RIZZO

Organização não-governamental mantida pelo deputado estadual Pinduca Ferreira (PP), aliado do prefeito de Betim, Carlaile Pedrosa (PV), vai receber mais de R\$ 1,3 milhão dos cofres públicos do município. O convênio firmado no fim de setembro, entre a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) e a Associação dos Moradores dos Bairros Santa Cruz, Vila Jataí e Cemig, na Região do PTB, principal base eleitoral do deputado, prevê a manutenção de escolas de informática. Publicado no *Minas Gerais* – diário oficial do estado – o contrato já liberou R\$ 262.350. A maior parte da verba estará disponível em 2008. O Ministério Público Estadual investiga o uso de ONGs por aliados do prefeito em Betim. Entre elas, o Instituto Joseph Rodrigues Betim (Ijorbet), no qual Pinduca

aparece como sócio-fundador.

A associação funciona em uma ampla casa na Rua Doutor Romeu Lages, 256, Bairro PTB, em Betim. Nos fundos, uma sala abriga os 22 computadores que deveriam ser o principal instrumento de trabalho para os monitores. Mas a reportagem não encontrou nenhum aluno. Em outro canto, monitores, CPUs, mouses e teclados novos aguardavam para ser instalados. Funcionários informaram que as máquinas serão trocadas em breve. Com a primeira parte dos recursos, 24 novos computadores foram comprados. Os antigos serão levados para cidades do interior, como São Joaquim de Bicas e Abaeté, onde o deputado mantém escolas de computação. De acordo com alguns moradores do bairro, as máquinas são usadas para digitação de currículos e trabalhos escolares, além de jogos.

“Isso aqui sempre foi manti-

do pelo deputado. Só agora é que terá um reforço da Semas”, afirma a coordenadora da ONG, que se identificou apenas como Vânia. Ela disse que era funcionária da prefeitura e que tinha sido encaminhada para coordenar a entidade há dois meses. “Ainda não conheço muito a realidade da associação e do bairro. Por enquanto, só temos o projeto de informática. Fazemos também um trabalho de assistência social com o deputado e o filho dele, o vereador Léo do Pinduca, de encaminhar pacientes para os hospitais, arrumar remédios, ajudar a procurar emprego, entre outros”, completou.

ESTRUTURA As “reivindicações” dos eleitores são facilmente atendidas pela superestrutura clientelista da família do deputado, no bairro. Na mesma rua da associação funciona o escritório político do parlamentar. Funcionários

vestindo camisas amarelas com o nome do deputado atendem a população. É lá também que Pinduca improvisa um frigorífico, onde guarda e prepara as carnes para os churrascos que organiza nas comunidades carentes. “Ele faz isso sempre. Mata uns três bois e junta todo mundo”, comenta um morador do bairro.

Na rua paralela à da associação, o vereador Léo do Pinduca (PP) mantém seu gabinete. Do outro lado da rua funciona a garagem dos carros do deputado e do filho. Ao meio-dia, foi possível ver pelos buracos da lona preta que cobre a grade do terreno dois ônibus, um caminhão, ambulâncias e carros timbrados com a marca de Pinduca. Nas ruas do bairro, vários carros estavam estacionados e até mesmo dentro do estacionamento da regional do PTB, mostrando mais uma vez a estreita relação entre a prefeitura e o deputado.



Deputado Pinduca Ferreira (PP) costuma cochilar no plenário da Assembleia Legislativa

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

Parlamentar marcado pelo assistencialismo

“Como é que vão as ‘ambulância’, deputado?”. Sem apresentar nenhum projeto, nem participar dos debates políticos mais apimentados da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), o deputado estadual Pinduca Ferreira (PP) é reconhecido, por onde passa, pelos carros que transportam eleitores para hospitais, velórios, escolas ou qualquer outro destino. O assistencialismo virou marca registrada do comerciante, que entrou na política como vereador em Betim. Na cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, foi eleito vice-prefeito duas vezes (2000/2004), mas renunciou para assumir o mandato de deputado.

Pinduca evita jornalistas. De acordo com seus assessores, “o negócio dele é o povo”. E seus trabalhos estão focados nas bases eleitorais, como comunidades carentes de Betim, Abaeté, São Joaquim de Bicas e Contagem. É nessas cidades que ele passa a maior parte do tempo.

Na Assembleia, foi um dos deputados mais falosos no primeiro semestre. Com o nó da grava torto e os botões da camisa abotoados de forma irregular, acompanha as sessões calado. Não é raro flagrá-lo cochilando no plenário. Este ano, Pinduca também não fez nenhum pronunciamento na Casa. Mas, no passado, já usou a tribuna para reclamar que estava com fome, enquanto o deputado Carlos Pimenta discursava. A resposta veio direta: “A cantina está à disposição de sua fome indomável”. Durante uma extraordinária, no fim de 2004, também reclamou de “picuinhas dos deputados” e de que não gostaria de trabalhar sábado e domingo, porque é pai de família. Já cobrou por mais segurança em Betim e reclamou das estradas que cortam o estado.

NEPOTISMO Apesar de ter o ensino fundamental incompleto, no biênio 2005/2006 foi integrante da Comissão de Redação da Assembleia. Atualmente, é suplente na Comissão Especial que dispõe sobre a orientação profissional aos alunos do Sistema Estadual de Educação.

Em meio à cruzada contra o nepotismo, questionou o termo: “Nepô, o que?”. Nunca tinha ouvido falar na palavra. Depois da explicação, alegou não ter que prestar contas a ninguém e que contrataria quem quisesse. E assim o fez. Seus parentes estão na Prefeitura de Betim e em seu gabinete. Tempos depois se explicou: “Esse negócio de nepotismo é o seguinte: chama cargo de confiança justamente por isso. Não sou contra contratar parente, desde que ele cumpra horário. Se for proibido não nomeio mais nenhum”.

O deputado declarou à Justiça Eleitoral patrimônio de mais de R\$ 500 mil. Na lista constam, entre outras coisas, uma ambulância, um imóvel no Parque Brasília, uma fazenda e dois lotes.



Estrutura assistencialista do parlamentar conta com ônibus, ambulâncias e sala para aulas de computação. Novas máquinas com dinheiro público



FOTOS: MARCOS MICHELIN/EM

Entidade sem registro

Apesar de ter mais de 20 anos de funcionamento, a Associação dos Moradores dos Bairros Santa Cruz, Vila Jataí e Cemig não tem registro no Conselho Nacional de Assistência Social (Cnas), ligado ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Mas, atas das reuniões da ONG mostram que a família de Pinduca é bem atuante. O pri-

meiro secretário da associação e ex-presidente interino é o irmão do deputado, Augusto Ferreira Caminhos. Ivo Leonardo Ferreira Caminhos, o Léo do Pinduca, participou da eleição da nova diretoria, em junho. Liliane Aparecida Caminhos, Admar Ferreira Caminhos Batista e Luiza Caminhos Irias (sobrinha) também constam nos registros da ONG. Novo

estatuto da associação, aprovado no início do ano, sustenta que a finalidade da entidade é organizar moradores da área e desenvolver ações de proteção e promoção da família, incentivar atividades de inclusão social e formação da cidadania.

Em nota, a Prefeitura de Betim confirma que mantém convênio com a associação por meio de transferências do Fundo Municipal de Assistência Social. Segundo a prefeitura, as entidades conveniadas são rigorosamente fiscalizadas pelo Conselho Municipal de Assistência Social e obrigadas a prestar contas à prefeitura. A prefeitura nega que a coordenadora da ONG seja funcionária do município.

Pinduca Ferreira Caminhos foi procurado na Assembleia, mas não quis dar entrevista. Ele alegou estar em “reunião”. O Estado de Minas tentou novos contatos por telefone, mas também não conseguiu falar com o deputado. Ele não retornou nenhuma das ligações.

MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



MARCOS MICHELIN/EM

Expectativas para 2008

O ano está terminando, do ponto de vista da opinião pública, sob dois signos de viés parecido. Nas avaliações do que se encerra, predominam sentimentos positivos. Nas expectativas a respeito do que vai começar, o otimismo supera os temores e mesmo o ceticismo de quem apenas espera que as coisas permaneçam como estão.

Isso pode ser visto na pesquisa nacional que a Vox Populi realizou no início do mês, entre os dias 11 e 13. Nesse aspecto, foi mais uma pesquisa de resultados semelhantes, que se soma a outras divulgadas recentemente.

Depois de alguns anos de muitas preocupações, desde a estabilização na economia na

primeira metade dos anos 1990, vem aumentando o “teor geral de satisfação” da população brasileira com seu país. Houve vários percalços nessa trajetória, alguns causados por fatores administrativos, como a ameaça de colapso energético em 2001, outros por circunstâncias políticas, como a crise do mensalão em 2005. Mas o sentido da evolução de seus indicadores é ascendente, no prazo mais longo.

Ao longo de 2007, as respostas à pergunta sobre quão satisfeita se sente a pessoa com o Brasil, de maneira geral, não mudaram, oscilando dentro das margens de erro das pesquisas. Em abril, entre “muito satisfeitos” e “satisfeitos”, tínhamos 75% dos

entrevistados. Essa proporção passou a 79% em julho e se situou em 74% agora. Em outras palavras, três em cada quatro pessoas se dizem satisfeitas com as coisas em seu país.

Há alguma variação regional e entre grupos sociais nessas percepções. Estão no Nordeste os que mais aprovam as condições do país, que lá chega a 80%, contra 71% no Sudeste. Os mais pobres se dizem mais satisfeitos do que os de rendimentos mais elevados: vão de quase 80% a pouco mais de 60%, quando se comparam os dois extremos da escala de renda. Apesar dessas diferenças, a satisfação sempre é alta.

Se são esses os sentimentos que predominam na avaliação do presente, no que toca ao

futuro próximo o tom é de claro otimismo. Seja na vida pessoal, seja no que diz respeito à economia e ao governo, o ano-novo é aguardado com expectativas muito favoráveis.

Nas respostas a como o entrevistado espera que seja sua vida, de maneira geral, em 2008, 67% afirmam que ela será “melhor do que está sendo”, 22% “igual” e apenas 9% “pior”. Esperança parecida existe a respeito da situação econômica pessoal e familiar no ano que vem e ela subiu ao longo deste segundo semestre. Em abril e julho, 50% das pessoas ouvidas achavam que sua situação iria melhorar “nos próximos seis meses”, proporção que chegou a 63% agora. De novo se percebem algumas variações entre regiões, sendo do Nordeste os mais otimistas e do Sul os menos. Os mais pobres estão mais confiantes do que os mais ricos.

Pensando na economia, verifica-se que houve uma tendência parecida. Tendo permanecido no mesmo patamar entre abril e julho, com 33% de respostas, a proporção de entrevistados que dizem que esperam que a economia fique melhor no futuro imediato alcançou 45%. É relevante constatar que ela quase nada varia, entre estados ou entre diferentes tipos de pessoas. Ou seja, os brasileiros, de maneira geral, olham com otimismo para 2008.

Para o governo, tudo isso é muito bom e, é claro, ajuda a explicar seu bom desempenho nos indicadores de aprovação popular. Mas é, também, um problema, pois, quanto mais altas, mais difícil é atender as expectativas de um país. Tomara que as pessoas estejam certas e tomara que o governo saiba fazer seu papel para que todas se concretizem.

“

Seja na vida pessoal, seja no que diz respeito à economia e ao governo, o ano-novo é aguardado com expectativas muito favoráveis